

HISTÓRIAS PARA LER **DEPOIS** DA QUARENTENA

Ana Carolina Furis

André Arteche

Bruno Belão

Edson Godinho

Elcio Lima

Flávio Jayme

Janaina Monteiro

Josianne Ritz

John Ulhoa

Léo Francisco

Paloma Castro

Vanessa Krongold

E mais:

**crônica escrita por
inteligência artificial**



**Idealização e organização
Flávio Jayme**

Em 2020 fomos arrebatados por uma pandemia digna de filme de fim de mundo. Ainda me lembro do impacto que foi ver uma imagem na ponte de Londres em frente ao Big Ben completamente vazia, evocando a cena inicial do filme *Extermínio*, de 2002, sobre um apocalipse zumbi.

Em março daquele ano fomos confinados em casa, com medo de um vírus mortal e invisível. Neste período surgiu o ebook “Histórias Para Ler em Caso de Quarentena”, em que convidei diversas pessoas para escrever sobre aquele momento.

Hoje, três anos depois, lanço o segundo volume: “Histórias Para Ler Depois da Quarentena”, com novos autores e outra visão. Como está nossa vida e nosso mundo pós-pandemia?

Este segundo ebook traz ainda uma surpresa: uma crônica escrita pela inteligência artificial do Chat GPT.

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

[Per]doar

Ana Carolina Furis

PERDOAR
PERDOAR PERDOAR PERDOAR
PERDA

PERDA PERDA PERDA PERDA PERDA
PERDA

DOR
DOR DOR DOR DOR DOR DOR
DOR DOR DOR DOR

PERDA
PERDA PERDA PERDA PERDA PERDA
PERDA PERDA

DO AR
DO AR DO AR DO AR DO AR
DOAR

DOAR DOAR DOAR DOAR DOAR DOAR
O AR

O AR O AR O AR O AR O AR O AR DAR
DAR

DAR DAR DAR DAR DAR DAR DAR
AMAR!



*Sou mulher, mãe, professora e feminista!
Observo muito a natureza humana e tenho uma mente
inquieta e curiosa.
O que sabem sobre mim? Apenas o que permito!*

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Pontos Prioritários

André Arteche

Entendo que, para cada um de nós, a pandemia bateu de um jeito. Alguns mudaram e repensaram hábitos; outros, voltaram para suas cidades ou saíram delas. Muita gente casou, descasou, trocou de emprego, reviu pontos de vista, ainda que remotamente. Em termos práticos e objetivos – fora toda a dor e sofrimento causado por tantas perdas – o que a pandemia alterou em sua vida?

Hoje, por coincidência ou não, conversando com uma amiga em um bar, ela me disse: antes da pandemia, eu procurava resolver os meus problemas, agora penso mais nos outros. “Engraçado – respondi a ela em meio às animadas vozes das mesas periféricas –, comigo foi o processo inverso”. Se a pandemia me trouxe algo de bom, foi a descoberta que mudar o mundo ou o outro é algo quase impossível e que a melhor forma de tentarmos deixar o planeta da maneira que a gente acredita, é alterando a nós mesmos. Esse é o ponto. E o mais complicado para mim.

Temos uma estranha tendência de saber o que seria melhor para as outras pessoas, mas é muito difícil enxergarmos o que é melhor para nós. Porque, quando enxergamos, vemos o imenso e tortuoso caminho que temos de percorrer até conseguirmos transformar algo de muito antigo que há em nós. Porém, só pude

enxergar esta necessidade encerrado em meu apartamento, sozinho, sem qualquer contato físico com ninguém. Ao me voltar completamente para dentro de mim, pude notar que a transformação que acredito que o mundo precisa, deveria começar pelo meu eu. Não pelo eu do outro. E como isso dá trabalho.

Portanto, para mim, o novo normal é a necessária humildade de saber que a observação e correção das nossas imperfeições – e não são poucas – são o primeiro passo para a melhora do todo. Vejo que a imensa maioria das pessoas sente ou acha que já faz muito por si e pelo mundo. Mas, as observando, quase sempre, eu não percebo o mesmo. Logo, o processo deve ser exatamente o mesmo em relação a mim. Decidi, depois da fase aguda da pandemia, elencar alguns pontos prioritários e manter-me firme na tentativa de aprimorá-los. Mas foram só alguns, porque também percebi que seria impossível consertar tudo de uma só vez.



André Arteché, gaúcho, há vinte anos residindo no Rio de Janeiro, é ator, autor e diretor. Transferiu-se de sua cidade-natal para a capital fluminense após protagonizar, aos 16 anos, “Houve uma vez dois Verões”, primeiro longa metragem de Jorge Furtado. Obteve reconhecimento nacional ao interpretar o indiano Indr, na novela “Caminho das Índias”, de Glória Perez. Também atuou na novela “Lado a Lado”, de Cláudia Lages e João Ximenes Braga. Ambas as ficções ganharam o Emmy (premição internacional) de melhor novela do mundo. Recentemente, protagonizou ao lado de Fernanda Vasconcelos a série “Rua do Sobe e Desce, Número que Desaparece”, de Luiz Carlos Lacerda. No cinema, Arteché constrói sólida carreira, protagonizando longas-metragens como “Os Senhores da Guerra”, vencedor de dois Kikitos no Festival de Cinema de Gramado (2014), entre outros. Em novo momento de sua carreira, André também atua como roteirista e diretor. Em seu texto de estreia no teatro (A Lenda do Sabiá), obteve uma revisão afetiva de ninguém menos que Ariano Suassuna, um dos grandes poetas da língua portuguesa. Em sua formação, André Arteché é bacharel em artes cênicas e pós-graduado em direção teatral pela Faculdade CAL de Artes Cênicas, onde dá aulas desde 2021.

Caminhando pensei

Bruno Belão

Se você for... por favor!
Que não seja por falta de insistência.
Pra ficar!
Pois se não fosse, tinha dado tempo
De te pedir pra brilhar
Mais um pouco
e não sendo culpado
De você partir
Sem ao menos eu me despedir
E com todo meu coração
eu vou sentir
a dor de ver você partir
Fica mais um pouco
Eu te adoro
Sol!

Tento te encontrar
No copo de bebida, na mesa do bar
Mesmo que uma garrafa pareça
A imensidão do mar

Mais fácil te esquecer
Do que em algum lugar, enlouquecer
Mesmo que pra isso eu veja
Ou desapareça

E nem tento me perguntar
Será que esse é o caminho que devo tomar?
Andando, eu pensei
E em mais alguns passos
Acho que erre

Errei em pedir
Errei em tentar
Errei demais
De me apaixonar



Curitibano nato, 31 anos, porém social. Aprendiz de poeta, adora games e tecnologia, ri de tudo e acompanha a cultura pop achando que é essencial pra viver em sociedade.

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

O Outro

Edson Godinho

Ficava horas imaginando como seria o vizinho do apartamento ao lado. Desde o começo da pandemia não consegui mais sair de casa.

Mesmo com o passar dos anos, mesmo com a chegada das vacinas eu fiquei paralisado.

Continuei trabalhando a distância, pedindo comida por aplicativos e me exercitando em casa. Em determinados momentos me pego pensando se o mundo lá fora mudou. Ou se nossa existência será miseravelmente igual até o final dos tempos.

Há dois meses escutei barulhos de mudança. O apartamento ao lado do meu já estava vazio há cerca de cinco anos.

Uma mudança barulhenta. Que foi acalmada pelo passar dos dias. Devo confessar que daí então, desenvolvi um confuso interesse pela rotina do meu vizinho.

Entendi que era vizinho primeiramente pela sua forma de andar pesada e firme. Depois por algumas poucas ligações feitas por uma voz grave e abafada.

Aos poucos entendi que aquelas ligações costuravam o final de um relacionamento.

Como seria meu vizinho?

Nesse momento surgiu uma projeção mental que me levou a uma doce neurose. Eu imaginava meu vizinho alto, forte e moreno. E de poucas palavras como já era notório, de poucas palavras devido sua criação no interior. Era possivelmente de uma família de hábitos tradicionais e passava a viver as contradições da cidade grande. Incluso acabou com sua namorada, também do interior, para viver novas experiências agora em um lugar com tantas possibilidades.

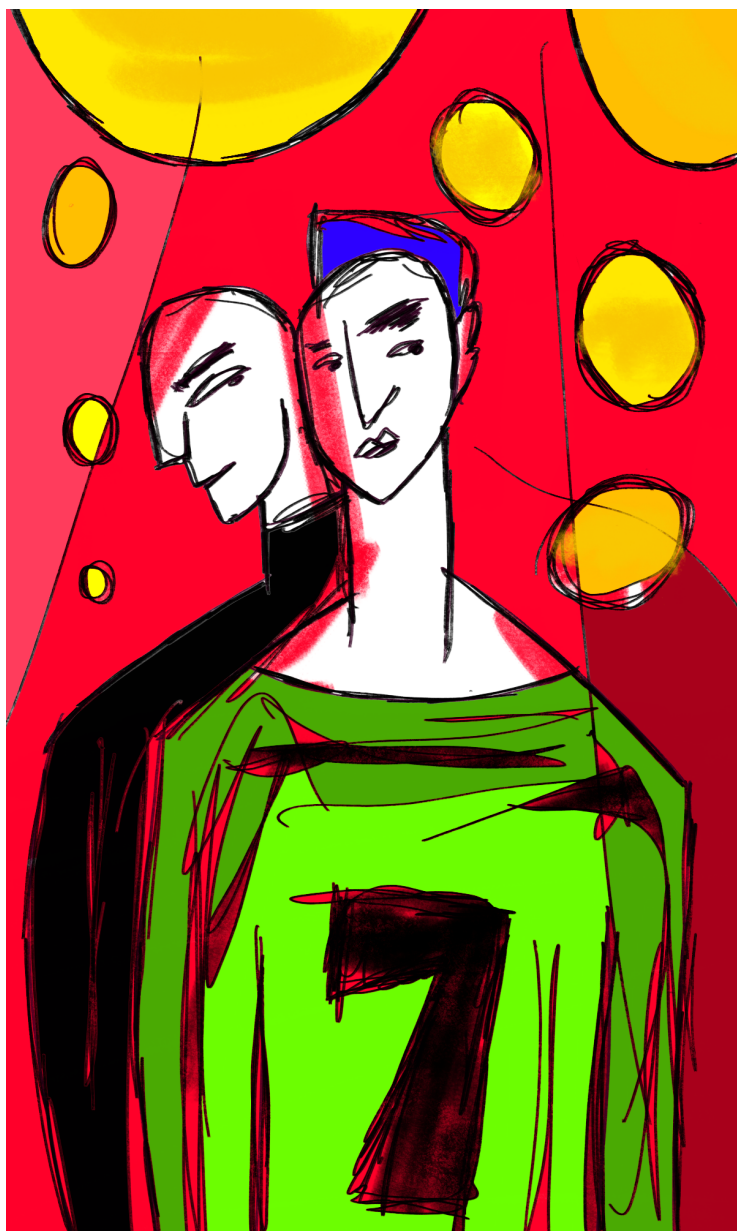
Minha porta tocou.

Fui tomado por um absurdo frio na barriga. Imaginei do lado de fora da porta meu vizinho. A porta tocou mais uma vez e uma voz abafada disse:

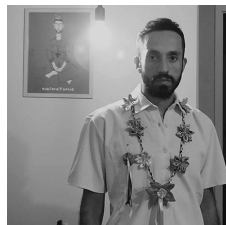
_ Oi, aqui é o Carlos. Seu novo vizinho do lado.

Ao abrir a porta me deparei...

Com possibilidades que ficam abertas a você caro leitor.



HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA



*Edson Godinho é artista visual, filmmaker, entusiasta,
performer e professor. www.edsongodinho.com*

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Finais e Começos

Elcio Lima

Ao sair do banho, a roupa já separada sobre a cama, Pedro teve a ligeira impressão incômoda que as manhãs de segunda dão a qualquer pessoa. Enquanto abotoava a camisa, lembrou que havia aposentado há pouco menos de um ano, mas correria do trabalho diário ainda se fazia presente, ao menos nas engrenagens de sua mente inquieta. Quando desceu, o cheiro do café recém passado recendia pela casa. Ele pegou as chaves atrás da porta e saiu.

Assim que os primeiros raios de sol incidiram em seus olhos e o ar ainda frio do amanhecer preencheu seus pulmões, Pedro sentiu o corpo tomado por uma sensação indescritível. Uma espécie de êxtase, um tipo de experiência sensorial ante ao que outrora fora tão simples. Era incrível como algo corriqueiro podia soar extraordinário desde que o primeiro decreto de lockdown fora anunciado pelo que agora lhe parecia ter ocorrido há séculos.

Bastaram meia dúzia de passos.

Sentiu as mãos suadas, o coração acelerando aos poucos e o sentimento de urgência decodificado em sinapses disparando em seu cérebro. Respirou fundo. Soltou o ar pela boca. Ao longe o barulho de uma sirene. Seria ambulância?

__ Bom dia, seu Pedro! Tudo bem?

Ele viu uma garotinha de cabeça para baixo, parada a seu lado.

__ Oi! Bom dia! Tudo bem, querida. __ respondeu erguendo-se. Estava curvado, apoiado nos joelhos.

__ Está tudo bem mesmo? __ insistiu a jovem com uniforme escolar.

Ele limpou o suor da testa e sorriu.

__ Tudo perfeitamente bem.

O arranjo sobre a mesa do consultório não era natural e nem de longe tão bonito que pudesse prender a atenção de alguém, mas havia um tempo que qualquer coisa roubava a atenção de Pedro. A esposa, Marta, sempre o alertava sobre isso, contudo, somente agora, ele próprio percebera o que antes tomava por implicância. Deveria comprar vitaminas e sais minerais. Ela também sempre falava sobre isso. Talvez na volta para casa, afinal a farmácia ficava no caminho. Poderia até mesmo passar na floricultura e pegar um ramallete de rosas brancas. “Marta adora rosas brancas. Ou seria rosa chá?”

__ E é exatamente por isso, Pedro __ disse a Dra. Ana __ que você precisa evitar o álcool.

Ele olhou para a mulher sentada com seu caderninho de notas encarando-o por trás dos óculos de metal.

__ Perdão. A senhora dizia...?

__ Na verdade você dizia, Pedro, que deixou de comprar pão há algum tempo. Sabe dizer o porquê?

A tonalidade de verde da parede atrás dela o fazia lembrar de creme dental, maionese caseira, talvez. Não combinava com o quadro de flores vermelhas preso tão alto, muito menos com as almofadas roxas. Ele descruzou as pernas e as cruzou novamente do outro lado. Dra. Ana anotou alguma coisa no caderno. “O que ela terá anotado?”.

__ O que disse? __ ela perguntou.

__ Como?

__ Bom... __ ela olhou para o relógio no pulso __ temos ainda dois minutos. Gostaria de falar mais alguma coisa?

Ele sorriu apertando os lábios e sinalizou que não com a cabeça.

__ Muito bem, Pedro. Estamos progredindo.

Ele fungou num riso ao virar a cabeça.

__ O que houve? __ ela perguntou olhando por cima dos óculos.

__ Nada. Se você diz que estou progredindo, então é isso.

__ Não se cobre tanto. Isso leva tempo. Demanda paciência. Já falamos sobre isso.

__ Exatamente, Ana. Já falamos sobre isso há, o que? Uns cinco meses? Talvez mais, não sei dizer. E cá estou eu, ainda sem dormir bem, me sentindo um merda por não conseguir sequer ir à esquina comprar pão. __ ele riu nervoso __ Meu Deus! Mas você diz que estamos progredindo.

Ela olhou o relógio no pulso e antes que pudesse dizer mais alguma coisa a porta bateu com força derrubando o quadro da parede.

Alice pegou a bolsa e gritou do pé da escada:

__ Estou de saída. Deixei lasanha no forno. Vou voltar tarde. Beijos.

__ Tudo bem! __ Pedro gritou sentado na cama.

__ Pergunte se ela está levando o guarda-chuva? __ disse Marta.

__ Levou o guarda-chuva? __ ele gritou.

__ Sim! __ ela gritou em resposta __ E o álcool. E as máscaras.

O baque na porta indicou que a jovem tinha saído.

___ Nossa filha está ótima. ___ Marta foi até o pequeno móvel ao lado da cama onde havia um porta retratos com a família toda: Pedro, Sara, Alice e ela.

___ Sem dúvidas. Eu que estou um lixo e pondo tudo a perder.

___ Oh, Pedro. Pare com essa autopiedade!

Ele deitou de lado, meio curvado.

___ Deita aqui comigo.

___ De conchinha?

___ Sim, de conchinha.

E riram do acalento mútuo.

Naquela noite Pedro teve outra crise de ansiedade.

Alice escutou um barulho na cozinha. O pai estava caído num canto, tremendo e chorando muito, de uma forma que ela nunca vira o pai chorar. A ambulância foi acionada e tiveram que contê-lo. Mais tarde ela fez ligações informando aos familiares. A irmã mais velha, Sara, disse que viria passar o fim de semana com a família. Traria consigo o esposo, Armando, e as crianças, Nina e Rique.

Na tarde seguinte, Selma e Antônia, duas amigas da igreja, vieram para uma visita relâmpago. Trouxeram torta de frango e um bolo de chocolate.

__ Soubemos pelo grupo da paróquia. __ Selma depositou o garfo no prato sobre a mesinha. Pedro observou as unhas postiças da mulher baterem na porcelana. A maquiagem pesada nas pálpebras lembrava uma figura deslocada dos anos 80.

__ O que disseram? __ perguntou Antônia.

__ Transtorno de ansiedade. __ respondeu.

Ambas se olharam.

__ Certo, mas qual o problema? Você está com alguma doença? __ questionou Antônia com um sorriso torto, deixando cair farelos ao dar uma garfada generosa no bolo.

__ Use o guardanapo, por favor. __ Pedro pareceu mais rude do que gostaria, mas não se desculpou __ Marta não gosta que sujem o carpete.

Antônia engoliu e levou a mão ao peito.

__ Oh! Perdão.

Selma baixou os olhos girando os anéis nos dedos nodosos.

__ Voltando ao assunto. Sim, estou doente. Ansiedade é uma doença, caso não saibam. Apreendi

isso à duras penas. Agradeço suas orações e espero poder voltar em breve às reuniões.

__ Eu não quis ser indelicada __ desculpou-se Antônia.

__ Certamente que não. Entendo que a ignorância possa nos deixar em saia justa nas horas mais impróprias. __ Pedro se pôs de pé.

As duas mulheres também se levantaram.

Mais tarde, enquanto lavava a louça na pia, Alice se aproximou.

__ Pai, eu vi como falou com aquelas senhoras. Fiquei com pena delas.

__ Não fique. Vieram em busca de assunto para fofocas, provavelmente nem dormiram a noite passada de tanta curiosidade. __ eles riram, mas seu riso foi se esvaindo, observando a água girando na pia. __ Estive pensando. Não sei se quero uma reunião familiar no domingo. Sua mãe...

__ Pai, não use a mamãe como desculpa. E vai ser ótimo reunir todo mundo depois de tanto tempo.

__ Para quê?

__ Para celebrar.

__ Celebrar o quê?

Ele baixou a cabeça. A primeira lágrima sumiu na espuma.

Desde os tempos pavorosos que o mundo recente atravessou, muitos ficaram pelo caminho. Os que seguiram tentaram de alguma maneira encontrar sua motivação, mesmo que alguns carreguem a dor de um luto que gera culpa no sobrevivente, como no caso de Pedro.

Um dia, no começo de tudo, quando a preocupação se concentrava no outro lado do mundo, ele imaginou uma grande mão surgindo do céu, uma coisa imensa, maior do que tudo o que já pudesse ter visto. Ela descia por entre as nuvens e escolhia quem deveria ser levado. Desde então passou a sonhar com aquilo todas as noites. Acordava suado, abraçava Marta com força e pedia perdão a Deus por pensar de forma tão pueril e imatura.

De fato não havia mão colossal que decidia quem merecia ou não viver, mas a revolta o tomava por saber que houve uma chance de salvar mais pessoas. Se ao menos o governo não tivesse sido tão negligente e deliberadamente, sim, decidido sobre quem deveria ou não viver e, pior, rido disso abertamente em rede nacional, enquanto tantos perdiam seus entes queridos, talvez muitos estivessem em casa agora, assim como ele.

__ Já passou, pai. __ disse Alice envolvendo-o num abraço.

__ Não, filha. Não passou! __ as lágrimas escorrendo livremente. __ Tanta gente melhor e mais importante. Eu deveria ter morrido!

__ Não fale assim, pai! __ ela segurava as lágrimas.

__ Não deveria ter sido assim.

Pedro tremia inteiro, as palavras mal se formavam. Alice saiu para pegar um comprimido. Marta entrou na cozinha.

__ Eu não consigo, Marta. Não consigo.

Ela beijou-lhe o rosto ternamente. Os olhos de Marta, ele percebeu, estavam mais claros e serenos, tanto que o fez lembrar de paisagens com lagos e montanhas. Que força tinha aquela mulher de acalmá-lo e sustentar a todos durante as tormentas? Fora assim desde que se lembrava. Não houve um dia em que a resiliência de Marta não a fizesse ter uma certeza quase palpável sobre as coisas, mesmo diante das situações mais aflitivas.

__ Tudo em seu tempo, meu amor. Tudo em seu tempo. Vou ajudar Alice com o comprimido.

Ela o sentou à mesa e saiu. Alice voltou, pegou um copo com água e deu-lhe o ansiolítico.

Àquela noite, quando deitou, o corpo pesava confortavelmente sobre o colchão. As lágrimas escapavam de seus olhos para o travesseiro enquanto as imagens do dia se tornavam difusas e diáfanas em torno de Marta; rodopiando pelo quarto até sumir na escuridão de um sono leve e profundo.

O fim de semana chegou rápido.

O domingo surgiu numa manhã clara e de poucas nuvens. A mesa estava posta no quintal, o churrasco assava espalhando fumaça para o alto, atraindo os gatos da vizinhança. Taças saíram da cristaleira, o jogo de louça preferido de Marta repousava sobre a toalha bordada, presente de casamento guardado a sete chaves. Alice comprou rosas chá e arrumou tudo em pequenos vasos pela casa e sobre a mesa do almoço; separou jogos para as crianças, lápis de cor e livros de colorir para Rique. Duas garrafas de vinho foram escolhidas para aquele dia. Quando Alice colocava sobre a mesa o último guardanapo dado pela moça contratada para ajudar no almoço, o carro da irmã entrou no terreno estalando cascalho sob os pneus.

Sara era cinco anos mais velha que Alice. Conheceu Armando no escritório de advocacia onde era secretária. Casou grávida e só mudou para sua própria casa quando Nina completou dois anos. A relação com o pai nunca foi das melhores, mas ela nunca deixou de dar apoio nos momentos mais difíceis.

Da janela no andar de cima, Pedro viu a filha chegar com a família.

___ Chegaram. ___ disse espiando entre a cortina ___ pelo visto trouxeram a velha mãe do Armando. Como é mesmo o nome dela?

___ Aletheia. ___ respondeu Marta.

___ Hum, não sei se ela é tão verdadeira assim.

___ Ora, pare com esses trocadilhos infames! ___ ela riu.

___ Tenho mesmo que ir?

___ Sim, claro. ___ ela alinhou a gola da camisa dele.

___ Alice disse à moça para pegar sua porcelana e os cristais.

___ Ótimo. Depois que se parte, nada se leva. Então vamos usar. ___ ela estendeu-lhe a mão, a aliança dourada brilhava em seu dedo ___ Está tudo bem.

___ Duvido muito ___ ele pareceu triste ao olhar a mão da mulher ___ se tudo estivesse bem você não estaria me dizendo isso agora.

Na sala, Sara abraçou o pai rapidamente antes de as crianças saltarem sobre ele. Alice serviu drinks à irmã e ao cunhado e todos ficaram conversando na sala de estar até a campainha tocar. Eduardo, um convidado

de Alice, chegou trazendo uma garrafa de vinho. Pedro fez algum comentário sobre o rapaz e o presente e todos riram.

De fato não era um momento forçado para fazer Pedro se sentir à vontade. O calor, o afeto, o riso, tudo era sincero. Os abraços, percebeu ele, eram mais apertados. A conversa, inicialmente tímida, tornou-se acalorada e gostosa. Sentiu-se acolhido e seguro como há muito não se sentia. Parecia-lhe que enfim as trevas recentes causadas pela dor de tantas perdas cediam lugar à uma centelha de esperança.

Foi então que uma mensagem indesejada chegou em seu cérebro, como uma semente ruim. Criando raízes, se alastrando, parasitando o riso, a tranquilidade, sufocando a alegria e fazendo-o se sentir desconfortável por estar feliz. Do outro lado da sala, Marta sorriu para ele.

___ Gente, o almoço está servido. ___ anunciou Alice.

Nina sentou ao lado de dona Aletheia, depois Eduardo e Alice. Do outro lado da mesa, o pequeno Rique, Armando e Sara. Quando o empurra-empurra de cadeiras cessou, Pedro se pôs na cabeceira, ladeado pelas duas filhas, e sentou. Algum passarinho assobiava nos fundos do quintal, então voou.

Os olhos de Pedro fitos na outra extremidade da mesa. Vazia.

O silêncio tomou conta do ambiente, apenas a brisa sacolejando levemente a borda da toalha. Seu olhar permaneceu na cadeira do outro lado, sobre a mesa apenas o jogo de prato. Sem louças, nem talheres ou taças. Apenas o vazio. Uma flor se desprende do arranjo e rolou até ele, os cabelos grisalhos ao sabor do vento, olhos marejados. Sara baixou a cabeça, assim como Alice. Logo todos entenderam que deveriam fazer o mesmo. Eram uma família tradicional em muitos aspectos e a prece antes das refeições era um deles. Pedro pigarreou e disse:

___ Hoje, após tanto tempo, nossa família volta a se reunir e a acolher amigos em torno da mesa. ___ ele baixou os olhos para o arranjo. Alice segurou sua mão. ___ Depois de tempos difíceis, cá estamos nós, tentando de alguma forma nos refazer e seguir adiante. Sou grato a Deus pela família que tenho, por suas vidas... ___ uma lágrima escapou-lhe e se espalhou no tecido da mesa, a voz embargada ___ pela esposa que tive... e por tudo o que conquistamos até hoje. Abençoe a nós e a estes alimentos, por Cristo nosso Senhor! Amém!

Ergueram um brinde em nome de Marta e almoçaram animadamente.

Veza ou outra Pedro se percebia olhando para a cadeira vazia. Sara quis retirá-la, mas ele insistiu que a deixassem.

Falaram sobre muitas coisas, inclusive a pandemia e seus desdobramentos, mas também falaram de sonhos e novos projetos.

Eduardo pediu Alice em namoro e Sara disse que estava grávida novamente. Foram tantos brindes e comemorações que Pedro decidiu se permitir viver aquele momento, sorrir, beber e festejar mesmo com o peito apertado. Ia lidar com a dor depois. Agora, queria apenas rir e chorar a felicidade de estar com as filhas.

Quando a tarde avançou, Pedro foi para um canto do quintal, embaixo de uma grande mangueira. Rique foi até ele.

__ Está triste vovô? __ perguntou o menino segurando sua mão.

__ Estou, um pouco. __ respondeu sem pensar muito __ e você?

__ Acho que estou triste também, mas tem horas que estou feliz, depois fico triste de novo.

__ Que loucura isso, não é?

__ Sinto saudades da vovó. O senhor sente também?

O homem segurou a pequenina mão do menino entre as suas e o olhou bem nos olhos.

__ Todos os dias, meu filho. Todo santo dia.

Rique abraçou o avô tentando envolvê-lo o máximo que podia com seus bracinhos. Fazia tempos que ele não sentava ali, debaixo da mangueira onde passava horas conversando com Marta, falando da vida e comendo mangas até se fartar.

Uma manga caiu. Rique correu para buscar e entrou na casa.

Pedro lembrou dos amigos que partiram enquanto ele nada podia fazer, preso em casa por ser do grupo de risco: João, Ernesto, Lúcio, Arminda, Joana, Genésio, Helena, Paulo. Muitos da mesma rua, outros dos tempos de escola. Sem contar sua tia, Telma; e a sobrinha, Lígia. E tantas outras pessoas. Certos dias ele os via parados no fundo do quintal, os olhos opacos, as bocas abertas sorvendo o nada. Às vezes acordava gritando com falta de ar, chorando por imaginar o sofrimento de quem não conseguiu oxigênio, vacina ou mesmo alimento naquela época. Quando sua dor passou a ser não apenas pelos seus, mas todos os que via nos noticiários, foi que percebeu o quanto precisava de ajuda. Que estava doente. Foi a época em que procurou um psiquiatra na tentativa de ao menos dormir uma noite completa. Então Marta começou a aparecer e ele parou com a medicação para poder vê-la.

Era tão real, tão bela quanto sempre foi, só que um pouco mais radiante e perfeita, de um modo como ele jamais a vira. Ou quem sabe só agora percebia. Ele queria vê-la assim, e não como nos pesadelos, quando

tomava os remédios: pálida encarando o nada com terra sobre os olhos numa vala comum. Sim, não puderam se despedir e isso era a segunda coisa que mais lhe doía. A primeira...

__ Pai, por que está sozinho aqui? __ perguntou Alice. Sara vinha logo atrás com uma taça de vinho.

__ Aqui o ar é mais fresco __ respondeu ele.

__ Nossa, o dia passou voando. __ Sara sentou-se na grama.

__ Gostou do almoço, pai? __ perguntou Alice posicionando o celular __ sorriam para uma selfie!

Posaram e após umas três tentativas caíram na gargalhada. Depois de um tempo Pedro foi ficando sério e, de olhos baixos, disse:

__ Tem uma coisa que quero contar a vocês duas.

Alice se aproximou e sentou diante do pai. Adiante, o sol ia baixando e dourando a copa das árvores mais altas.

__ É sobre a mãe de vocês. Sobre como ela adoeceu.

__ Pai, o senhor não precisa falar sobre isso.

__ Eu preciso, Sara. Por favor, só me escutem. __ ele engoliu em seco __ Nós sabíamos que as coisas estavam complicadas na Europa, enquanto aqui, no Brasil, as pessoas ainda circulavam mais livres, de certa forma, talvez, desacreditadas de que qualquer coisa ruim como aquela pudesse afetar um povo forte e alegre como o nosso. Comprar o pão de manhã era meu ritual diário. Tomava banho, escovava os dentes, escolhia uma roupa e saía depois de cumprimentar a mãe de vocês na cozinha. Na última vez que fiz isso ela me disse para não demorar, para não ficar de conversa e que as coisas estavam ficando muito graves, porque já haviam noticiado o primeiro caso no estado. Antes de sair, tirei a folhinha do dia anterior do calendário. Era 13 de março de 2020.

Sara e Alice o olhavam com inabalável atenção, mesmo quando um gato amarelo derrubou a taça de Sara e começou a lamber o vinho da grama.

Pedro continuou:

__ Andar pela calçada do bairro de manhãzinha era um prazer. Encontrar os vizinhos varrendo calçadas, regando jardins, voltando da padaria, indo à feira, ao trabalho, olhando pelas janelas escancaradas... Sempre gostei disso, sabe, da vida acelerando no início da manhã. Lembro perfeitamente daquele dia. Cada detalhe, cada som, cada cheiro que senti. Acenei para o gelo e a filha, uma pequena de seis anos de idade com um sorriso banguela. Falei com Afonso e João; Mariana e Helena; também topei com

dona Rita. Ela se esquivou, usava máscara branca descartável. Me fez um gesto com a cabeça quando a chamei e seguiu feito bala no rumo de casa, nas mãos um saco pardo com baguetes, na outra um saco plástico da farmácia. Confesso que ri daquilo, achei exagerado da parte dela. Na padaria, outras duas senhoras estavam usando máscaras descartáveis. Aquilo era estranho para mim. Pedi meus pães ao garoto no balcão e perguntei por Firmino, o dono. O menino me entregou os pães e o velho Firmino apareceu. A testa brilhante do calor dos fornos. Trocamos uma dúzia de palavras e quando já estava saindo, ele tossiu. Reclamou de dor na garganta e febre na noite anterior. Então, me estendeu a mão na despedida. ___ ele parou, jogou a cabeça para trás e fechou os olhos, então continuou ___ Olhei para ele, tinha um sorriso largo o Firmino. Me senti mal em recusar. Então retribuí o gesto e lhe dei um abraço. Foi a última vez que o vi.

Pedro apertava as mãos uma na outra e mordida os lábios de leve. No peito, o coração aos pulos. As lágrimas escorriam pelo rosto até a barba.

___ Eu sinto muito, pai. ___ disse Alice, os olhos brilhantes de emoção.

___ Desde que tudo aconteceu nada voltou a ser como era antes e acredito que nunca vá voltar. Não pelo óbvio do tempo que não se pode reviver, mas pela rotina diária do mundo. Estilhaçada, interrompida, reinventada às pressas para dar conta da roda do tempo que não esperou por ninguém. Agora, todos os

dias, enquanto espero o café, olhando o cesto de pães vazio, lembro arrependido de tantas coisas que fiz e que nos trouxeram ao ponto em que chegamos.

Sara levou as mãos ao rosto, um soluço baixo chamou atenção da irmã, que parecia não entender.

__ Eu cheguei em casa. Abracei Marta como sempre fiz. A beijei e lhe servi o café. __ Ele respirou fundo. __ eu não consigo tirar da cabeça que se não fosse por mim ela ainda estaria aqui.

__ Não fale assim, pai! __ pediu Alice. __ não tem como saber se foi por causa disso.

__ Foi, filha. Ela caiu de febre cinco dias depois sem nem ter saído de casa. Era pra ter sido eu. Eu! Não ela!

Pedro arfava entre soluços, as mãos trêmulas. Falar sobre aquilo era como tirar a pata de um elefante do peito na mesma medida em que se sentia o pior homem da Terra ao confessar seu segredo imperdoável, o crime inominável jamais dito em sessão com a psicóloga ou ao Padre. Algo pelo qual se culpava dia após dia, noite após noite, lembrado pelo silêncio da casa, pelo lado da cama intocado, pela cadeira vazia na mesa do jantar, pelos chinelos acumulando poeira sob a cama, tudo o lembrava de seu hediondo crime de irresponsabilidade que imputava-lhe tão pesada e dolorosa cruz a qual carregava sozinho desde então.

Os três se abraçaram entre lágrimas e assim permaneceram por um tempo incontável onde só o consolo e acolhimento importavam. Não havia mais nada a ser dito e, como num silencioso pacto amoroso, passariam pelo luto ajudando-se mutuamente da melhor forma possível. Estancar a dor não seria uma opção, afinal a vida não é apenas para heróis, mas para humanos, frágeis e falhos também; mas capazes de se reerguer e traçar novos rumos, novas escolhas e, acima de tudo, merecedores de novos começos. Naquele fim de tarde, olhando para o alto, quando o sol se punha tingindo o horizonte de laranja vivo e vermelho rubi, e já as primeiras estrelas piscavam no céu arroxeadado, Pedro sentiu-se verdadeiramente amado e capaz de acreditar na possibilidade de se perdoar e seguir em paz.



Elcio Lima escreve contos e dramaturgias; é ator, diretor, figurinista e fundador do grupo Presságio. Atualmente estuda Licenciatura em Teatro e Técnico em Figurino Cênico, ambos pela ETDUFPA, além de fazer parte do grupo de pesquisa em palhaçaria O Clown Nosso de Cada Dia (UFPA). Amante de filmes, séries e romances de terror, horror e suspense, tem alguns contos publicados, dentre eles: Viagem Noturna, A Outra face, Algo na estrada, e Para o Alto. Recentemente escreveu e dirigiu o premiado espetáculo Estrada Noturna, na IV Mostra Cênica do Teatro Universitário Cláudio Barradas. O autor vive em Ananindeua, no Pará.

Tobias - parte 2

Flávio Jayme

Foram meses. Anos. Ele nem sabia direito quanto tempo. Esteve fechado em casa, saindo para o mínimo possível por dois anos (tinham sido dois anos?). E aquela sensação de perigo, de catástrofe no ar. Além do vírus, claro. A incerteza, o medo, a contagem de corpos. Ele ficou num péssimo estado todo este tempo. Agora nem sabia mais como era sair, socializar, encontrar pessoas.

Ainda bem que tinha Tobias. Todos os dias ficaram iguais, se misturaram na sua cabeça. Parece que aqueles dois anos não tinham acontecido, todo aquele tempo formava um grande borrão em sua memória. Ou que tinha se passado só algumas semanas. Dias até. Ele perdeu as contas das datas. Não lembrava mais quantos anos ia fazer sem fazer as contas. Foi um período perdido.

Sua rotina não saiu do lugar. Tentou fazer exercícios, acompanhar séries, aprender receitas, mas nada foi pra frente. Ainda bem que ele não foi um dos tantos que perderam emprego. Passou a trabalhar de casa com o que já fazia e assim continuou, mesmo depois do fim da pandemia. Fim?

Parecia mais que ela tinha passado a fazer parte da vida de todos. Às vezes ainda se pegava colocando uma máscara na bolsa antes de sair. Achava

máscaras em todos os bolsos e mochilas da casa. Precisou lavar todas as suas roupas, colocar no sol. Todas com cheiro de guardado depois de dois anos sem uso (foram dois anos?). Algumas não serviam mais, reflexo de meses caminhando apenas do sofá para a cama e vice versa. Sem contar nos dias em que sua ansiedade literalmente era engolida com alguma porcaria ultraprocessada.

Agora sua rotina tinha mudado. Se obrigava a sair do condomínio com Tobias todos os dias. Por mais que não tivesse mais que “ir trabalhar”, colocava uma roupa diferente do moletom velho e saía com o cachorro pelo bairro. Certo dia decidiu ir até aquele café comprar sua rosquinha de canela. Quando chegou tinha virado uma loja de capinhas de celular. Perguntou por ali e descobriu que o café tinha fechado logo depois do início da pandemia. Não aguentaram a pressão de ter que fechar e se reestruturar. Nunca mais sentiria o delicioso sabor daquela rosquinha de canela.

Voltou a frequentar barzinhos com amigos. Sair, socializar. Mas não conseguia se livrar daquela sensação de perda, de que tudo tinha mudado. Tinha sido um daqueles que achava que sairíamos melhores dessa. Mais um iludido. Se Tobias não estivesse ali não sabia o que teria feito.

Pelo menos trocou a música do despertador. Da música triste do Nine Inch Nails passou a acordar com 'Girls Just Wanna Have Fun'. Sempre acordava

rindo. Era bobo, ridículo até. Mas fazia com que ele acordasse de bom humor.

Ele voltou a sair todos os dias comigo. Agora vamos mais longe. Mas o cheiro da rua está diferente. Ele acorda diferente também.

Ainda bem que ele está aqui. Ainda bem que ele não me deixa mais sozinho. Acho que ele precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Gosto de ter ele por perto. Gosto do seu cheiro e do seu carinho. Preciso cuidar dele. Ele já não parece mais tão triste, mas ainda não está como era antes. Mas eu espero. Sou paciente. Sei que ele vai voltar a ser como antes. E eu estarei aqui. Eu estarei sempre aqui.



Flávio Jayme é jornalista cultural e Publisher do site Pausa Dramática. Organizador de diversos projetos culturais em Curitiba, também escreve artigos para jornais, trabalha com marketing digital e é co-autor do livro infanto-juvenil As Crônicas de Miramar: O Segredo do Camafeu de Prata. É o idealizador deste ebook.

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Dance

Janaina Hernandez Monteiro

Dance, senão estamos perdidos. Bausch, Pina.

Dance, do verbo dançar. To dance. Danser. Bailar. Ballare.

Dançar é Vint. Vintage? Não. É Verbo Intransitivo mesmo, como nascer e morrer. E assim como nascer e morrer é dançar. Vti: Verbo transitivo indireto. Indireto e reto.

Durante a pandemia, a dança foi minha parceira. A música, minha aliada. Meu filho, meu Marco, meu guia. Meu leitmotiv, que, todo dia, estava ali, naquele mesmíssimo lugar, com seus grandiosos saltos no sofá. Com suas coreografias no just dance. Com uma improvisada dança das cadeiras.

Apenas dance. Dance apenas.

Let's dance. Sem perder o ritmo.

Dançávamos conforme a música do dia.

Dancei rock.

Dancei blues.

Dancing Queen.

Dancing Barefoot.
Dancing With Myself.

Nos bastidores, eu dancei. Dancei. Dancei.

Rodopiei. Caí e me levantei.

Porque pensava que no meu peito, até então, só cabia a agonia de não poder abraçar meus pais. De passar aquele vai e vem dos dias, cuidando para que Marco não se contaminasse com o vírus.

Seguíamos num movimento em adagio sostenuto pós-separação quando, subitamente, uma dança frenética hardcore inundou tudo.

Aquele intruso no meu peito era algo sólido, palpável, e disputava lugar com o abstrato. Na verdade, desconfio que o abstrato seja o pai dessa anomalia.

Só que o tátil é possível arrancar e minar. Meu peito esquerdo já era. As cicatrizes são visíveis. Aquilo intangível, ao contrário, continua dentro dele, com suas marcas ocultas. Mas, assim como Fênix, das cinzas surgiu uma coragem adormecida.

Ao perder um pedaço de mim, despertei uma outra. Uma outra mulher. O oposto daquela menina de outrora que parecia não ter movimentos precisos, uma direção, um foco.

Que, volta e meia, precisava daquele empurrãozinho para pegar no tranco, ganhar velocidade, e encontrar um norte.

De maneira cadenciada, do mesmo jeito que a Cecília do Michaelis dançava enquanto mocinha, fui enfrentando os baques pandêmicos em plena entrada da era dos “enta”. Lutava para sobreviver duplamente.

_ E a Janaina? Quando começou a dançar?

_ Desde sempre.

Fiz da dança meu hobby, meu lobby. Pequenos, brancos, com as veias marcando o seu caminho, meus pés suportam algumas horas em movimentos pouco precisos. Suportam algumas horas de pé esperando. Esperando aquilo que nunca vem. Esperando para sustentar uma leveza que ainda não alcancei.

Na quarentena, sentia falta de sair para dançar. Sinto fome de música. Comecei com o choro. Quero terminar em valsa.

Constatee, portanto, que não respiro sem arte. E, sobre arte, Ferreira Gullar já disse: existe porque a vida não basta.

E bastava que a pandemia tivesse um final para que eu pudesse continuar a dança. O vento me levou até um porto seguro. Voltei a usar meu cérebro

profissionalmente. Se o trabalho dignifica o homem, a dança enobrece a alma.

Depois que tivemos a chance de abandonar as máscaras, só pensava: “I wanna dance with somebody”.

Mas em vez de encontrar a luz, ainda dançamos no escuro. O desabrço, para uns, continua.

E quando essa massa cinzenta vem rondar meus dias, lembro-me daquele que tem a primavera no nome: “You can’t start a fire without a spark”. Subo e olho para as estrelas, para a lua, que são testemunhas de toda essa nossa jornada.

Dancing in the ceiling.

Pensava que, no cenário pós-pandemia, sairíamos das nossas “bolhas” um pouco mais humanos. Infelizmente, a humanidade ainda caminha a passos de formiga e prefere o “dane-se”. Percebi, então...

Que tudo aquilo que era injusto parece ter ficado mais injusto.

Que a separação ainda existe.

Que a raiva vem em dose dupla.

Que quem tinha pouco agora tem menos ainda.

Que os olhos de muita gente ainda estão voltados para o umbigo.

Enquanto o umbigo deveria significar o início de tudo.

De tudo novamente.

Uma chance para evoluirmos e recomeçar.

Recomeçar essa dança universal.

Pense e dance.

Pense.

Pense e dance.

Dance e pense!

Por trás do meu peito dilacerado ainda pulsa um coração dançante.

Por trás do meu peito arrancado ainda tem lugar para ela: a esperança.

No meu peito, ela não está perdida.



Janaina Monteiro é jornalista, com passagem por redação de jornais como Tribuna do Paraná/O Estado do Paraná e Diário Popular, e tem resenhas críticas sobre filmes publicadas no site de jornalismo cultural Mondo Bacana.

Participou de lives sobre cinema e cultura pop nos canais Cinemarden, Meu Tio Oscar e Pausa Dramática, além de ter sido convidada para o bate-papo sobre o Oscar e para ministrar a masterclass sobre o cineasta David Lynch, eventos transmitidos pela plataforma online do Cine Passeio.

É autora de artigos publicados no livro "A [des]construção da música na cultura paranaense".

Atualmente, atua como redatora publicitária, revisora de texto, crítica de cultura pop e mantém o blog pelocaminho.org

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Em busca das minhas asas nos pés

Josianne Ritz

Para quem gosta, ir a um show é um processo longo e cheio de adrenalina do pré ao pós. Quem vos fala é aquela que já foi a mais de 800 shows desde 1990, 64 só no ano passado, e que já se incomodou com o apelido de “a louca dos shows”, mas agora até gosta.

Primeira fase: pré

Começa com o anúncio da atração e logo em seguida com o planejamento para a compra do ingresso. Afinal, desde o fim das restrições da pandemia, comprar o ingresso virou quase uma loteria diante da alta procura. É preciso estabelecer quantos computadores serão usados, qual a hora ideal para logar no sistema: quatro horas antes, uma hora, ou duas? Deixar todas as informações prontas, como cadastro e cartão de crédito. E torcer com todas as forças que o site da venda não caia ou pife.

Comprado o ingresso e minha estratégia tem dado certo felizmente, vem a preparação: a logística para ir ao evento, se for em outra cidade, hotel, transporte. Mas não é só isso: a playlist para esquentar, mesmo que o show seja dali a meses, e o périplo pelo You Tube em busca de vídeos para tentar adivinhar o setlist, entender qual é o melhor lugar para se

posicionar. A duração desta fase varia de um a 10 meses.

Quanto mais próximo do show fica é preciso arrumar a mochila. Capa de chuva, protetor solar ou os dois? Shorts ou calça? Tênis ou galocha? Pode levar lanche ou não? Qual o melhor horário para chegar? Se quero ficar na grade, preciso chegar bem cedo e me preparar para umas 10 horas sem ir ao banheiro. Se não preciso ficar na grade, posso chegar mais tarde. Enfim, todos os detalhes para que o dia do show seja o mais perfeito possível.

Segunda fase: durante

Ah, o dia chegou. As luzes brilham, o som faz o coração tremer, e de repente desde o primeiro acorde ganho asas nos pés, as mesmas de quando eu tinha 15 anos, embora já tenha 48. Naquelas horas, o mundo para, não tenho idade, nada me limita. Os problemas desaparecem, como uma sessão de terapia imensa. Eu posso cantar alto, posso gritar, posso chorar, posso sentir tudo.

Tento observar tudo que acontece lá no palco e no meio do público. Me emociono com o grande coro que se forma, com o “colega da loucura” ao lado que chora desesperadamente muitas vezes em uma música que não é a mesma que me emociona. Presto atenção no vendedor de água que para por cinco minutos para curtir aquela música e dançar. Tento entender aqueles que conseguem ver um show inteiro sem se mexer e só

observam. E faço o possível para acompanhar todos os músicos, como tocam seus instrumentos, qual o momento que o roadie é chamado às pressas por um sinal do músico para acertar algum erro. E ao mesmo tempo, tento tirar algumas dezenas de fotos e fazer alguns vídeos, que depois vão virar remédio para o tédio dos dias comuns.

Terceira fase: pós

A fase pós-show começa assim que as luzes se apagam, a voz some, uma dor ou outra surge no corpo e há sempre um perrengue para ir para o hotel ou para casa. Embora o início desta fase pareça um tanto ruim, é ele que alimenta a alma por mais tempo. As lembranças dos shows às vezes surgem sorrateiras quando eu estou ouvindo rádio e toca uma música daquela banda ou músico que eu vi, seja no último Lollapalooza ou naquele festival de 1996.

Outras vezes eu busco esses shows na minha memória para fugir da realidade, dar um sorriso, e eles estão lá com todas as sensações. Pixies, David Bowie, Chico Buarque, Red Hot Chili Peppers, Robert Plant e Jimmy Page, Beastie Boys, Nirvana, Björk, Gal Costa, Caetano, The Cure, Smashing Pumpkins, Twenty One Pilots, Rolling Stones, Paul McCartney, Madonna, Rita Lee, Pato Fu, Chico Science, Patti Smith, Killers, Mother Mother, The Strokes e tantos outros. Estão todos ali para me socorrer.

Quase perda

Por dois anos, acreditei que nunca mais poderia ir a um show por causa das restrições da pandemia. E me surpreendi como isso me desesperou. Claro que foi menos que o medo de perder as pessoas que amo para a Covid e todas as histórias tristes que acompanhei, mas foi um grande vazio me imaginar longe da plateia e sem todo meu ritual de felicidade e adrenalina. Envelheci e entristeci.

Quando a possibilidade de retorno dos shows virou algo real, no começo de 2022, senti o medo de não conseguir mais sentir tudo que sentia antes e de as asas nos pés terem desaparecido definitivamente. Fui ao Lollapalooza de 2022, ainda de máscara, e com muito medo de nada ser igual porque afinal eu também não era mais a mesma, com o resquícios de ansiedade e crise do pânico.

Para minha surpresa, no primeiro acorde, eu estava ali com as minhas asas nos pés e o coração livre para me sentir como aquela garota de 15 anos. Eu estava viva fisicamente e emocionalmente. De lá para cá, já são mais de 80 shows para a minha reserva emocional e me preparando para os próximos. Sim, a “louca dos shows” sobreviveu e está pronta para mais mil shows.



Josianne Ritz, 48 anos, jornalista, chefe de redação do Bem Paraná, aprendiz de baixo, mãe de três, louca por música e shows

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Fique onde eu possa te ver

John Ulhoa

Faz tanto tempo
Que não vejo você
Faz tanto tempo já
Que até dá medo de saber
O que anda pensando
Da vida e tudo mais

Você tá bem?
Tem tido paz?
Com esse desespero
De estar sem dinheiro
E o que isso faz
E o que isso faz

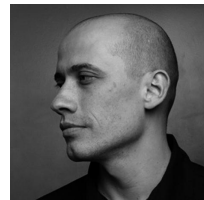
Fique onde eu possa te ver
Fique onde eu possa te ver
Vê se não some
Fique onde eu possa te ver
Fique perto dos olhos que te querem bem

Tá se cuidando?
Perdeu alguém?
Nem me fale
Eu sei como é
Ficar sem ninguém
Ficar sem ninguém

Só peço que aguento
Que não fique doente
Eu quero tanto te encontrar
Lá na sorveteria
Quando tudo melhorar
Quando tudo melhorar

Fique onde eu possa te ver
Fique onde eu possa te ver
Vê se não some
Fique onde eu possa te ver
Fique perto dos olhos que te querem bem

Fique onde eu possa te ver
Fique onde eu possa te ver
Vê se não some
Fique onde eu possa te ver
Fique perto dos olhos que te querem bem



John Ulhoa é vocalista, compositor e um dos fundadores do Pato Fu. Casado com Fernanda Takai, também integrante e fundadora da banda.

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Estamos todos bem

Léo Francisco

Oi, Léo, tudo bem?

Esta é uma carta que decidi escrever para eu mesmo ler no futuro e lembrar um pouco de como eu estava depois de viver os dois anos mais loucos da minha vida, após o surto do coronavírus na pandemia de covid 19, que começou em março de 2020 no Brasil e ainda estamos vivendo em 2023.

Primeiro, espero que você esteja bem quando estiver lendo essa carta e não me julgue pelo que vou dizer, pois você já fez muita merda no passado e eu só dou risada e me pergunto: “Deus, como eu fiz isso e meus amigos não me deram uns tapas!” Eu estou tentando ficar bem! Felizmente, tirando o emocional que depois de 2020 parece estar brincando numa montanha-russa, cheia de altos e baixos, ah, não esquecendo os loopings que fazem a gente achar que vai morrer, mas ta tudo bem, você e toda a sua família conseguiram sobreviver da melhor maneira possível.

Verdade, achei que ia morrer no começo, principalmente por ter contraído o vírus logo no início, ainda sem sequer ter uma vacina. Foram as 4 piores semanas da minha vida inteira, mas aprendi muita coisa com isso. Aprendi que mesmo achando que tudo daria errado, as coisas deram certo e que o importante era estar perto das pessoas que amo. Aprendi a me

valorizar mais e principalmente ter meu tempo para descansar (saúde mental anda pedindo muito isso às vezes).

Estou cuidando da nossa saúde? Confesso que não muito, preciso marcar alguns médicos e fazer algum exercício físico urgente, pois minhas costas estão começando a doer muito em alguns momentos do dia. Não briga comigo, mas elas devem doer um pouco por aí, pois agora você tem um sobrinho toda semana em sua casa, com 1 ano e alguns meses, que demanda demais da atenção do tio Léo, que carrega ele no colo e fica brincando jogado no chão. Não que eu hoje não reclame do Léo de 10 anos atrás ou de 5 anos, que antes da pandemia estava babando e fazendo o mesmo com seus outros 3 sobrinhos, mas eles a gente não tem a chance de ver toda semana, já que moram longe, mas esse, eu estou curtindo e imagino que você hoje em dia deve estar fazendo o mesmo, com ele um pouco maior e talvez, mais rebeldezinho. Rs

Prometo que vou tentar voltar à natação, vou tentar me alimentar com menos comidas que fazem mal para a nossa saúde e claro, ir mais vezes aos médicos para que a situação não piore por aí.

Falando nos sobrinhos e na família, todos estão bem, mesmo depois dos dois sustos que nossos pais nos deram. Primeira vez que um deles foi parar na UTI, você enfrentou bravamente, mesmo sozinho em casa achando que não daria conta, mas menino, tirei forças do dedão do pé, para conseguir cuidar de tudo.

Espero que os sustos não continuem tão presentes e que a gente não volte a passar mais um ano novo brindando com água e copinho de plástico no pronto socorro do hospital. Podia ter sido pior? Podia, mas o importante foi estarmos juntos.

Profissionalmente, você ainda não está onde queria estar e tenho dúvidas de onde gostaria de estar. Minha cabeça anda cheia de dúvidas e angústias, com medo do que vai acontecer no futuro, ainda mais depois da pandemia, quando você ficou um tempo parado, com o fechamento dos cinemas. Tenho reclamado bastante com meus amigos, que merecem um prêmio, pois as vezes, nem eu sei como me aguentam, mas espero que você aí no futuro não esteja passando por nenhuma dificuldade, já que decidimos ser jornalistas culturais. Que ideia foi essa? Ainda me pergunto se não deveria ter ouvido minha mãe e feito algo que desse dinheiro... mas fazer o quê? Eu gosto e ainda me divirto, mesmo passando algumas raivas no dia a dia.

Ah, outra coisa que o Léo do passado não praticava tanto, mas que comecei a praticar hoje em dia: você não precisa dar 100% todos os dias. Sim, espero que você não tenha se arrependido disso, pois eu hoje em dia estou me dando ao luxo de parar quando preciso parar. De pedir ajuda quando preciso de ajuda e principalmente, dizer não, quando você não se sente valorizado. Espero que isso tenha mudado, pois atualmente, sinto-me andando numa escada rolante na direção oposta. Estou em movimento, mas não sinto

que estou saindo do lugar. Mas e aí? Ficamos ricos? Temos nosso cantinho? Viajamos para lugares legais? Tantas perguntas que diariamente faço para mim mesmo pensando e me preocupando com o futuro. Você ainda se preocupa com isso?

Falando em viagens? Viajamos? Conhecemos lugares novos? Eu estou louco para conhecer alguns lugares e voltei recentemente de uma viagem incrível para a Disney com duas amigas que eu tenho um carinho monstruoso e que são superimportantes para mim. Saudades daqueles dias em Orlando, comendo em lugares legais, dando risada, curtindo os brinquedos e me encantando com toda a magia que a Disney nos apresenta. Será que voltei logo para lá? Espero que sim, pois prometi ao Mickey que voltaria logo dessa vez.

Deus, essa carta já está ficando gigantesca! Achei que não sairia da primeira página. Você ainda está apaixonado? Ainda está procurando aquele amor de conto de fadas que nossos amigos acham fofo ou loucura? Será que deu certo a última loucura que eu enfiei a gente ou será que bati com a cara na porta mais uma vez? Espero não ter me arrependido, pois mesmo com todos os problemas, me sinto feliz nesses momentos e estou apostando minhas fichas que pode dar certo. Espero não ter deixado de me apaixonar se tiver dado errado, pois é um sentimento tão gostoso, ainda mais para mim, que tenho uma senhorinha romântica dentro de mim. rs

O que mais posso te contar do que estou fazendo ou sentindo? Ah, falando em senhorinha, ainda continuo indo ao teatro ver musicais? Como eu amo estar no teatro, toda a emoção que sentimos quando as luzes diminuem e a orquestra começa a tocar! Os atores entram no palco e por 2 a 3 horas somos desligados das nossas vidas e problemas para vivermos uma nova aventura. Foi por essa sensação que decidi trabalhar com cultura na minha vida. Estamos em dia com nossas séries? Eu confesso, que estou atrasado com várias por aqui e to começando a ver novas sem ter terminado as antigas. Além disso, o Globoplay vem me atrapalhando muito nisso, pois tenho visto algumas novelas novamente. Sim, “Maria do Bairro” e “Como uma Onda”, além das séries no Star+ (como estou apegado com “Desperate Housewives”), HBO Max (viu “The Last Of Us” para comentar com ele e amando a nova temporada de “Superman & Lois”), AppleTV+ (amando “Ted Lasso” e “The Morning Show”) e claro, Netflix (sofrendo com “Amigas para Sempre”, que me faz chorar em quase todos os episódios). E sim, tenho visto pouco o Disney+, pois raramente tem novidades legais e quando assisto é para ver coisas antigas do catálogo.

Putz, acho que já falei demais! Mas fica tranquilo, as coisas estão indo muito bem por aqui! Estamos todos bem! Realmente, tenho reclamado um pouco esses dias, mas você tem anos de novela mexicana no currículo para fazer um drama com qualquer coisa, mas você está cercado de pessoas

incríveis que fazem seu dia brilhar um pouco mais nos dias mais escuros.

A pandemia ainda não acabou 100%, mas estamos caminhando para isso acontecer. O país parece estar voltando a caminhar para frente, depois de uns anos na escuridão, mas a gente continua esperançoso por aqui que as coisas melhorem. Sim, eu ainda sou um pouco Poliana. Continuo acreditando.

Espero realmente que você aí no futuro esteja bem e não tenha perdido o brilho nos seus olhos que as pessoas ainda falam que eu tenho. Que continuem dizendo que o Léo do passado, criança e jovem, continue falando mais alto dentro de você, assim como ainda tem feito dentro de mim.

Este ano de 2023, aprendi e estou tentando colocar em prática na minha vida, que as coisas ruins e boas vão acontecer todos os dias, o importante é a gente tentar cada dia mais valorizar mais as coisas boas que as ruins (sei que é difícil, mas estou tentando), por isso, decidi fazer essa cartinha para mim mesmo e para vocês verem no futuro o quanto de coisas boas aconteceram. Estamos bem de saúde, teve viagem, tem emprego, tem amigos, tem momentos de diversão... tudo com altos e baixos, mas tentando mostrar o quanto estou tentando aproveitar cada segundo.

Fique bem!

Do seu amigo do passado,
Léo Francisco
Abril/2023



Jornalista, produtor de conteúdo e assessor de imprensa com mais de 13 anos de experiência no mercado de entretenimento, principalmente no cinema. É editor-chefe do podcast Papo Animado, dedicado ao mercado de animação, e também do site Cadê o Léo?, que fala de cinema, teatro, TV e animação. Lançou mais de 200 longas-metragens nos cinemas, e atualmente é responsável pela comunicação e assessoria de imprensa da A2 Filmes e da rede Píticas, além de outros jobs que sempre surgem por aí! Foi gerente de comunicação da Europa Filmes, Mares Filmes, Alpha Filmes, Sony Pictures, entre outros. Também atuou como produtor de lançamento de filmes brasileiros na O2 Filmes e fez assessoria de imprensa de livros e para eventos como DUBLACON e GGCON21. Realizou como freelancer, a produção de eventos para a Cinepolis e atuou como talent handler e produção de eventos da Paramount Pictures em mais de oito lançamentos como: "Um Lugar Silencioso", "Missão Impossível: Efeito Fallout", "Sonic" e outros. Tem tempo para dormir? Às vezes, não!

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Haikais

Paloma Castro

Manhã de outono
Vento espiralando
Folhas saem para dançar

A Terra nos chama
- Gravidade, ela diz.
Equilíbrio em desequilíbrios



Paloma Castro é relações públicas e psicomotricista relacional. Trabalha com comunicação social e corporal. A poética do movimento pelo brincar e pela dança é um dos temas que inspira seus escritos.

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Trilha para um futuro incerto

Vanessa Krongold

Submeter-se ao tempo das coisas é uma tortura pra nossa geração. É um tal de "eu no controle e cada um na sua" e quem quiser que me acompanhe. Cada um no seu ritmo, né? E sabe o que mais? Tem um mundão aí fora pra ser explorado caso ninguém queira.

No fatídico 2020, fomos obrigados pela primeira vez neste mundo globalizado a nos enxergar como espécie, um grupo único, a mercê de uma inevitável revolta da natureza. E o pior é que isso foi consequência da estupidez humana, que ignorou solenemente todos os avisos que recebeu do planeta.

Não dava pra mudar de país, não ia adiantar nada. E pasmem: não dava pra terceirizar o isolamento social e mandar outra pessoa no lugar. Cada um teve que viver o desespero de estar só e de enxergar a morte bem de perto. Era a nossa vez de ficar encurralado e a nossa oportunidade de enxergar quão ínfimo é o nosso poder diante do universo.

Aí, pensamos "vamos todos sair melhores, mais sábios, isso tudo é uma grande lição". Ahhh, que engano sem fim. Saímos diferentes, sim, mas não pra melhor.

O medo é o melhor amigo da verdade. Você coloca um indivíduo sob pressão e vai ver o que tem

dentro dele, bem ali escondido no meio das entranhas. Aquele gosto duvidoso, aquela frase egoísta, aquele comentário que deixa o ar denso. O medo é violento. O medo é egoísta, e assim todos nos vimos. Assim, todos nos deixamos ver.

Cada um por si. O tempo do vírus. O tempo da vacina. O tempo do governo. O tempo das coisas que não controlamos.

Do futuro eu não sei, mas hoje eu sei que aprendi um tanto a viver melhor comigo, a cuidar melhor do meu universo e do meu entorno. E enquanto a próxima pandemia não chega, vou aqui aproveitando pra regar as plantinhas.



Vanessa Krongold é cantora, compositora e vocalista da Banda Ludov desde 2002. Participou como artista convidada de diversos projetos, gravações e shows de artistas por todo o país. Em 2020, lançou seu primeiro álbum solo, "Singular", bem no meio da pandemia.

Feliz

Inteligência artificial

Ela acordou com o sol invadindo o quarto pela janela. Era mais um dia em que ela havia sobrevivido à pandemia de COVID-19 morando sozinha. Mas diferente de outros dias, ela estava feliz. Ela se levantou da cama, caminhou até a cozinha e preparou um café da manhã simples, mas saboroso.

Enquanto tomava seu café, ela olhava pela janela e observava as ruas vazias. Era estranho como o mundo havia mudado em tão pouco tempo. Mas para ela, que já havia passado por tantas lutas por ser LGBT, essa era apenas mais uma batalha.

Ela era uma mulher trans e sabia muito bem o que era enfrentar o preconceito e a discriminação. Por isso, morar sozinha não era um grande desafio para ela. Ela já havia aprendido a se cuidar e a se proteger. Mas claro, a pandemia trouxe novos desafios. Ela teve que se adaptar a uma nova rotina, ficar longe de amigos e familiares, e se manter saudável e segura.

Mas mesmo com todas as dificuldades, ela estava feliz. Ela descobriu que era mais forte do que pensava e que podia se virar sozinha. Ela passou a cozinhar mais, a cuidar das plantas que tinha em casa, a ler mais livros e a assistir mais filmes. Ela redescobriu o prazer das coisas simples da vida.

Ela também descobriu que, mesmo estando longe dos amigos e familiares, ainda podia se conectar com eles

através da internet. Ela participava de videochamadas, de reuniões virtuais e de festas online. Ela não se sentia tão sozinha como pensava que se sentiria.

Ela também se surpreendeu com a solidariedade das pessoas. Mesmo com o distanciamento social, ela viu muita gente se ajudando e se apoiando. Ela mesma ajudou algumas pessoas que precisavam de ajuda para comprar mantimentos ou medicamentos. Ela se sentiu útil e parte de uma comunidade que se uniu em tempos difíceis.

Mas agora, enquanto terminava seu café da manhã, ela se sentia feliz por ter sobrevivido à pandemia e por ter aprendido tanto sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Ela sabia que ainda havia muitos desafios pela frente, mas estava mais forte e mais preparada para enfrentá-los. Ela se sentia grata por estar viva e por ter a oportunidade de viver cada dia com intensidade e alegria.

Ela sabia que não estava sozinha. Ela tinha consigo sua própria força e a certeza de que, mesmo em tempos difíceis, ainda havia muita beleza e amor no mundo. Ela sorriu para si mesma, sabendo que era uma sobrevivente e que tinha muito a comemorar.

Esta crônica foi escrita inteiramente pela inteligência artificial Chat GPT

Observações do organizador

Criar este ebook, exatos três anos depois do primeiro e mais de três anos depois do início da pandemia de COVID-19 tem um gosto agridoce.

Lendo as histórias aqui escritas e, depois, relendo as do primeiro livro, sinto um misto de sensações: da ainda presente ansiedade, da incerteza do futuro, da alegria de reunir tanta gente maravilhosa num projeto incrível, à tristeza da perda que muitos sofreram.

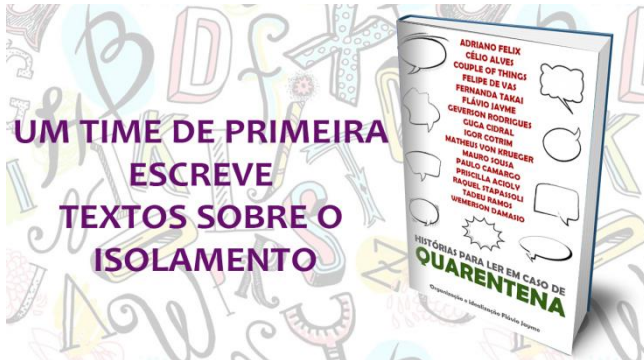
As emoções descritas em pequenas histórias por todo mundo que topou embarcar nessa aventura me trazem lágrimas aos olhos. Foi difícil revisar os textos sem o nó na garganta.

Só tenho a agradecer a todos que deram um pouquinho do seu tempo para escrever seus poemas, contos, crônicas, relatos ou qualquer outro nome que queiram dar. E também àqueles que autorizaram a publicação de textos já prontos.

MUITO OBRIGADO!

Flávio Jayme

Baixe grátis o volume 1



Histórias para Ler em Caso de Quarentena

Ebook colaborativo com 18 histórias com a quarentena como tema comum. Entre os autores, além do próprio Flávio Jayme, nomes como: Fernanda Takai (cantora, compositora vocalista do Pato Fu), Igor Cotrim (ator de produções como *Sandy & Jr* e *Elvis e Madonna*), Mauro Sousa (produtor artístico, filho de Maurício de Sousa e influencer LGBT) e muitos outros. [Baixe gratuitamente](#)

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Conheça alguns trabalhos de Flávio Jayme e acesse clicando nas imagens

Site Pausa Dramática

Site de entretenimento e cultura. Desde 2008. Clique para acessar



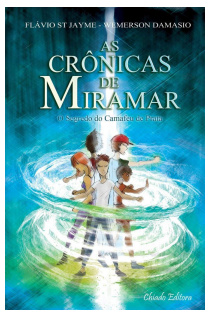
Instagram site Pausa Dramática

Conteúdo exclusivo, entrevistas e postagens diárias de cultura e entretenimento. Clique para acessar.



HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA

Livros (clique nos links para baixar ou comprar)



As Crônicas de Miramar: O Segredo do Camafeu de Prata

Aventura infantojuvenil. Compre em [cópia física](#) ou [ebook](#).



Mindfulness Para Mentes Inquietas

Meditação e práticas de relaxamento com muito humor e referências pop. [Compre na Amazon](#) em [ebook](#).

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA



Menino Estrela

Livro infantil (indicado a partir de 5 anos) com história autobiográfica sobre aceitação e construção da autoestima. Compre **em ebook** ou **cópia física**.



#COZINHATERAPIA

Mais de 100 receitas saudáveis, veganas e vegetarianas pra você fazer facilmente em casa. **Compre em ebook**.



Disney's Cookbook

Ebook com receitas dos clássicos da Disney pra você preparar em casa. [Baixe gratuitamente.](#)



Livro de contos O Livro dos Dias

Selecionado pela Lei Aldir Blanc de incentivo à cultura do Governo do Estado do Paraná em 2021, O Livro dos Dias é um livro de contos construído por Flávio Jayme desde os 18 anos, quando escreveu o primeiro. Desde então foram mais de 100 contos escritos e 20 deles estão nesta seleção disponibilizada gratuitamente. Todas as histórias contam dias comuns e estranhos, sempre com o nome de uma música como título.

[Clique aqui e baixe gratuitamente](#)

E-book #PartiuFloripa



Neste e-book escrito em forma de diário, Flávio Jayme conta como foram as férias com acontecimentos inusitados no verão de 2022 em Florianópolis ao lado do marido. De propostas pitorescas a ataque homofóbico, aconteceu de “um tudo” em 15 dias.

[CLIQUE AQUI E COMPRE O SEU OU LEIA GRÁTIS VIA KINDLE UNLIMITED](#)

HISTÓRIAS PARA LER DEPOIS DA QUARENTENA